

**UM CENÁRIO DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA NO BRASIL: AS PRODUÇÕES
APRESENTADAS NO GT-7 (EDUCAÇÃO DA CRIANÇA DE 0 A 6 ANOS) DA
ANPED DE 1998 A 2013**

**Tammi Flávie Peres Borges
Silvia Adriana Rodrigues**

Resumo: O presente texto apresenta uma leitura do cenário científico brasileiro no que se refere às produções que utilizam como referencial os pressupostos da Sociologia da Infância. Deste modo, com o objetivo de realizar um mapeamento dos trabalhos realizados com uma abordagem que privilegia olhares, falas, gestos e expressões da(s) crianças, a investigação tem caráter qualitativo e se configura em um estudo bibliográfico, do tipo estado do conhecimento, tendo como material de análise os trabalhos publicados nos anais das reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), especificamente no GT -7 (Educação de crianças de 0 a 6 anos) no período compreendido entre os anos de 1998 e 2013. Assim, o mapeamento bibliográfico no portal eletrônico indicado resultou na seleção final de 40 artigos, os quais estão em processo de análise.

Palavras-chave: Estado do conhecimento. Sociologia da Infância. Paradigma emergente.

Na atualidade há um intenso movimento em busca de conhecer as crianças e suas maneiras peculiares de perceber e agir sobre o entorno a partir de seu próprio olhar, de suas próprias impressões. Com esse intento, é possível perceber uma crescente produção científica de estudos que adotam como foco a(s) infância(s) e a(s) criança(s), bem como, um anseio em registrar a multiplicidade de expressões e percepções que estas possuem sobre os diferentes contextos em que vivem/frequentam.

Tal movimento surge com mais vigor a partir dos anos de 1980 com a edificação da Sociologia da Infância (SI), que assume como propósito básico resgatar a(s) infância(s) as perspectivas que a compreende como um simples período maturacional do desenvolvimento humano que se constrói independentemente das condições históricas; e, a(s) criança(s) das visões que a compreende um “ser em devir”, como sujeito incapaz, incompleto e irracional.

Neste contexto, o presente artigo apresenta parte da discussão que compõe o trabalho de investigação em andamento, que tem como proposta fazer uma leitura do cenário científico brasileiro no que se refere às produções que utilizam como referencial os pressupostos da SI.

Deste modo, com o objetivo de realizar um mapeamento dos trabalhos realizados que adotam a Sociologia da Infância como perspectiva teórica de base, bem como uma abordagem que privilegia olhares, falas, gestos, vontades e expressões da(s) crianças, a investigação tem caráter qualitativo e se configura em um estudo bibliográfico, do tipo estado do conhecimento, tendo como material de análise os trabalhos publicados nos anais das reuniões

anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), especificamente no GT -7 (Educação de crianças de 0 a 6 anos), no período compreendido entre 1998 e 2013. Cabe então destacar que nos limites deste texto traremos uma fração da fundamentação teórica original acerca dos elementos centrais da Sociologia da Infância, bem como um recorte dos dados levantados e das análises realizadas até o momento.

MUDANÇA NOS OLHARES PARA A CRIANÇA E A INFÂNCIA

Por um longo período crianças e adolescentes foram de certa forma silenciados nos discursos científicos, anulados dos testemunhos escritos por adultos de várias épocas, sobre sua própria existência e forma peculiar de perceber a atuar no mundo das ideias e das coisas. Corazza (2002, p. 81), afirma que as crianças são os sujeitos história; segundo ela,

[...] da Antiguidade à Idade Média, não existia este objeto discursivo a que chamamos “infância”, nem essa figura social e cultural chamada “criança”, já que o dispositivo de infantilidade não operava para, especificamente criar o “infantil” [...] Não é que não existissem seres humanos pequenos, gestados, paridos, nascidos, amamentados, crescidos – a maioria deles mortos, antes de crescerem-, mas é que a eles não era atribuída a mesma significação social e subjetiva, nem com eles eram realizadas as práticas discursivas e não-discursivas [...] (grifos da autora).

Deste modo, retomar a história da infância surge como uma possibilidade para reflexões acerca da forma como entendemos e nos relacionamos com a criança também na atualidade, tendo em vista que a presença e o papel da criança em diferentes contextos sócio-culturais passou (e continua passando) por diversas transformações.

Nesta direção, vários autores (ARIÈS, 1981; KOHAN, 2005; SARMENTO, 2007; BORBA, 2008) indicam que em diversos contextos, a criança foi vista e entendida pelo que não é, pelo que lhe falta quando é colocada em comparação ao adulto; um ser marcado por uma ideia de negatividade que acarreta, em termos práticos, um conjunto de interdições e prescrições que negam ações, capacidades ou poderes de decisão sobre si mesma.

Buscando contrapor estas ideias amplamente disseminadas e até mesmo ratificadas, uma vez que a perspectiva adultocêntrica dominou por muito tempo também a produção do conhecimento científico sobre as crianças e a infância, surge o movimento investigativo cuja finalidade principal seria compreender o universo infantil sob a ótica de seus próprios atores.

Tal empenho surge da sensibilização de um olhar que rompe com as clássicas teorias da socialização enunciando uma orientação epistemológica distinta face ao conhecimento de algumas teorias que, conforme Nazário (2011) definem e legitimam modelos padronizados de desenvolvimento infantil, remetendo as crianças à condição de subalternidade.

Dessa conjuntura emerge um novo campo disciplinar no âmbito dos chamados “novos estudos sociais da infância”, intitulado Sociologia da Infância (MARCHI, 2010), que ao buscar compreender a criança como ser biopsicossocial e a infância como categoria estrutural da sociedade traz diversas contribuições para o campo científico, ajudando a renovar o debate científico a partir da interlocução privilegiada com distintas áreas do conhecimento, tais como: a antropologia, a psicologia crítica, as neurociências, a filosofia, entre outras...

A partir de uma preocupação social com as crianças, bem como do estímulo à emergência de metodologias de pesquisa consistentemente adequadas à compreensão destas como porta-vozes de si próprias, a SI tem assumido um papel determinante nos estudos da criança, e, conseqüentemente, se tornado por excelência o lugar da origem de uma nova abordagem da infância. Nesta perspectiva, é possível afirmar que a SI tem tido papel ativo na desconstrução do modelo moderno de infância e de criança consolidado, em prol de suas reconstruções contemporâneas.

Ao recusar o estatuto da criança como o único ser em devir, tendo em vista que todos os seres humanos, independente da idade, estão em contínuo processo de desenvolvimento, o emergente campo de estudos da criança centra-se nas características da criança como ser-que-é, na completude de suas competências e disposições atuais (SARMENTO, 2013).

Desta maneira, reconsiderando as teorias da socialização, podemos perceber a atribuição de um protagonismo inédito dado à criança, bem como a valorização de sua “voz”, o que contribui para uma inversão hierárquica discursiva na lógica preponderante dos processos de subalternização; que nos termos de Rego (2013, p. 5) “é revolucionário na medida em que, geralmente, os estudos sobre a infância são pautados somente por aquilo que os adultos falam sobre e pelas crianças”.

Assim, se faz importante apontar que o novo campo, ou seja a Sociologia da Infância, já trouxe grandes contribuições para fomentar novas investigações e reflexões e entre elas, estariam alguns conceitos fundamentais tais como: protagonismo infantil, processos de socialização, autoria social, cultura(s) da(s) infância(s), cultura de pares, alteridade, categoria geracional e etnografia específica com crianças.

Não obstante, cabe esclarecer que a SI não perfaz os estudos da criança e tão pouco compõe uma teoria substitutiva ou comparada a Psicologia do Desenvolvimento; como bem aponta Sarmiento (2013, p. 20), esta disciplina científica, filiada a Sociologia “[...] está consciente de que não conseguirá cumprir seu programa teórico se não se abrir determinantemente a um trabalho teórico interdisciplinar, que contribua para impedir uma visão fragmentária da criança [...]”.

Neste sentido, torna-se relevante compreender que a SI, como todas as ciências, não está livre de diferenças internas em seu próprio campo, e a controvérsia além de lhe ser coerente mostra-se como um das peculiaridades que a define. Com base neste fato, Sarmiento (2008, p. 25) julga indispensável considerar tais diferenças que podem variar de tipo, intensidade e conseqüência que “tanto podem ser de ênfase, foco privilegiado, método ou problemáticas seleccionadas [...]”. Sendo assim, os estudos deste novo campo subdividem-se em três correntes fundamentais, sendo elas: a perspectiva estruturalista (estudos estruturais), a corrente interpretativa (estudos interpretativos) e a orientação crítica (estudos de intervenção).

Na perspectiva estruturalista, a infância é adotada na sua condição de categoria permanente na estrutura social, isto é, assume-se como objeto as “condições estruturais” em que a infância se situa e em que ocorrem as possibilidades de ação das crianças. Nesta abordagem a ênfase é dada a uma perspectiva macroestrutural (indicadores demográficos, econômicos e sociais), e a orientação metodológica se encaminha a partir de estudos extensivos, métodos estatísticos e estudos documentais. Com relação aos temas privilegiados temos as imagens históricas da infância, políticas públicas, a demografia e a economia, direitos e cidadania (SARMENTO, 2013; 2008).

De forma distinta, a corrente interpretativa prioriza como objeto as práticas sociais das crianças, ou seja, o processo da construção social e o papel da criança como sujeito ativo nessa construção. A ênfase é colocada na capacidade que as crianças têm, nas interações de pares, de interpretação e transformação da herança cultural transmitida pelos adultos, ao que Corsaro (2011) denomina de “reprodução interpretativa”. Esta perspectiva orienta-se metodologicamente com base em estudos etnográficos com crianças, estudos de caso, priorizando temas como: as relações de pares e com os adultos (interações intra e intergeracionais), as culturas da infância, os rituais e as práticas sociais, as crianças no interior das instituições, no espaço urbano, e bem como as brincadeiras o jogo e o lazer no interior destes e outros contextos variados (SARMENTO, 2013; 2008).

Por último, temos a orientação crítica que se ocupa em analisar a infância enquanto categoria social sobre a qual se exprime a dominação social (grupo que vive condições especiais de exclusão). Aqui a ênfase é dada a “emancipação” da infância como componente transformador da realidade social, o que mobiliza metodologias que possibilitem uma intervenção junto às crianças, especialmente, nas escolas, centros de acolhimento ou no espaço urbano tais como a investigação-ação. Tem-se então como temas privilegiados a dominação política, social e cultural da infância, além da patriarcal e de gênero, assim como,

os maus-tratos, as políticas públicas e os movimentos sociais que destacam a condição das crianças em posição subalterna (SARMENTO, 2013; 2008).

De acordo com Quinteiro (2002, p. 141) o cenário internacional descrito, gerou também no Brasil uma crescente mudança no viés dos estudos que tratam da infância. Ao apreciar os saberes produzidos até as décadas passadas aponta que,

[...] no Brasil, os saberes constituídos *sobre* a infância que estão ao nosso alcance até o momento nos permitem conhecer objetivamente as precárias condições sociais das crianças, sua história e sua condição profundamente adversa de "adulto em miniatura", e precariamente a infância como construção cultural, sobre seus próprios saberes, suas memórias e lembranças, suas práticas e possibilidades de criar e recriar a realidade social na qual se encontram inseridas. Afinal, o que sabemos sobre as culturas infantis? [...] Ressalta-se, ainda, que as relações de poder entre o adulto e a criança, caracterizadas pela condição de subalternidade desta em relação àquele, constituem-se tema elementar para a compreensão das *culturas infantis*, porém tais estudos ainda estão por serem realizados, tanto local quanto internacionalmente.

Os apontamentos trazidos até o momento assinalam a pertinência de se realizar uma leitura do cenário atual referente aos esforços e contribuições de pesquisadores brasileiros que, embasados pelos postulados advindos da SI, vêm se debruçando nos estudos da criança abordando os mais diferentes objetos e utilizando múltiplas e diferentes estratégias.

CAMINHO METODOLÓGICO

Tendo em vista o já mencionado objetivo geral deste trabalho, adota-se a abordagem qualitativa de investigação, caracterizada ainda como estado do conhecimento, haja vista que, conforme Ferreira (2002, p. 158) este tipo de pesquisa se propõe aos desafios de:

[...] mapear e de discutir uma certa produção acadêmica [...], tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

Desta forma, o material de análise abrange trabalhos publicados nos anais das reuniões anuais da Anped, especificamente no GT -7, no período compreendido entre 1998 e 2013. Convém esclarecer que esse recorte temporal abarca desde o ano do surgimento do GT-7 até o último ano da divulgação das investigações no site da Anped no momento de início desta pesquisa, ou seja, da 21^a à 36^a reunião.

Esta delimitação se deu partindo do propósito de identificar quando, a partir da criação do GT-7, surgiram iniciativas de investigações preocupadas com a questão da qualificação das crianças como seres competentes e do reconhecimento da infância como uma categoria social permanente na sociedade, constituídas nos pressupostos da SI. Acerca da escolha do GT-7 para busca dos dados, esta se deu para privilegiar os trabalhos que teriam sido desenvolvidos

com crianças em idade pré-escolar, tendo em vista que as autoras são especialistas em Educação Infantil. Cabe então esclarecer que não adotamos o pressuposto de que somente neste GT haveria trabalhos que adotassem os fundamentos da SI.

Assim, para o mapeamento no portal da Anped, que incluiu todos os trabalhos encomendados, comunicações e pôsteres publicados no referido GT, utilizamo-nos de aproximações com palavras que remetiam à SI nos títulos, bem como da leituras dos resumos. O trabalho de compilação dos textos resultou na seleção de 43 deles. Deste total, nenhum estava na modalidade trabalho encomendado, 12 foram apresentados no formato de pôster e 31 como comunicações.

Quadro 01 – Total de trabalhos localizados no portal eletrônico da Anped (1998 a 2013)

ANO	REUNIÃO	QUANTIDADE
1998	21 ^a	1
1999	22 ^a	1
2000	23 ^a	-
2001	24 ^a	2
2002	25 ^a	1
2003	26 ^a	1
2004	27 ^a	4
2005	28 ^a	3
2006	29 ^a	1
2007	30 ^a	2
2008	31 ^a	5
2009	32 ^a	4
2010	33 ^a	1
2011	34 ^a	6
2012	35 ^a	3
2013	36 ^a	8
TOTAL		43

Fonte: Quadro organizado pelas autoras com base nos dados levantados no acervo eletrônico da Anped

Após a seleção, realizamos a leitura mais detalhada dos textos na íntegra, o que nos levou descartar três artigos. Permanecemos então com um total de 40 textos, sendo seis deles referentes a discussões exclusivamente teóricas e 34 resultantes de investigações que envolviam dados empíricos.

Retomando os dados do Quadro 01, podemos perceber com clareza o ano de início da apresentação de discussões que envolvem as ideias da SI (2001), bem como os anos com maior número de produções (2008, 2011 e 2013). Tais dados ilustram a conclusão já explicitada por outros autores (QUINTEIRO, 2002; ABRAMOWICZ, 2010; NASCIMENTO, 2013), de que a SI no Brasil ainda se encontra em fase de constituição identitária, bem como de fortalecimento de concepções teórico-metodológicas. Nesta acepção, é possível constatar um crescente, e talvez oscilante, interesse por parte de pesquisadores brasileiros acerca do novo prisma para os estudos sobre a criança e a infância.

Com a finalidade de verificar o contexto em que tais produções vêm se destacando, consideramos importante organizar a produção dos artigos por região, conforme trazido no quadro 02 a seguir.

Quadro 02 - Relação de trabalhos distribuídos por região

REGIÃO	QUANTIDADE
Sul	19
Sudeste	12
Centro-oeste	4
Norte	-
Nordeste	5
Total	40

Fonte: Quadro organizado pelas autoras com base nos dados levantados no acervo eletrônico da Anped

Com base nos dados acima podemos inferir que a região Sul esteve bem à frente nas produções, com cerca de 47% do total de trabalhos selecionados. A região Sudeste, apesar de abranger o maior número de programas de pós-graduação no país, encontra-se em segundo lugar com 30% das produções. Em seguida temos a região Nordeste com cerca de 13% dos artigos publicados; na região Centro-Oeste, onde se localiza o estado no qual esta pesquisa está em desenvolvimento, temos 10% dos trabalhos; por fim cabe o destaque para a região Norte que não apresenta nenhuma produção sobre a temática em questão.

O passo seguinte foi a realização de análise acerca da abordagem ou uso que cada um dos trabalhos trazia dos fundamentos da Sociologia da Infância; neste exercício pudemos organizar os trabalhos em quatro grupos, apresentados no Quadro 03 a seguir.

AGRUPAMENTOS	QUANTIDADE
Cita textualmente autores de referência da SI e/ou a área (considera a voz da criança)	32
Não cita autores ou a área, mas trabalha com a perspectiva da SI	04
Usa o referencial da SI, mas não o olhar da criança e sim o do pesquisador	02
Usa o referencial da SI, mas não o olhar exclusivo da criança (seleciona diferentes sujeitos)	02
TOTAL	40

Quadro 03 – Agrupamentos

Fonte: Quadro organizado pelas autoras com base nos dados levantados no acervo eletrônico da Anped

Considerando os limites do atual processo de análise das informações coletadas, é possível afirmar que: um dos pontos centrais defendidos pela SI, qual seja, o da criança como um ser competente, ativo e crítico, conseqüentemente capaz de se posicionar a respeito das situações e relações que mais diretamente lhe afetam, a partir da releitura crítica do conceito de socialização e de suas características funcionalistas, tem se sobressaído nas pesquisas brasileiras que se enveredam por esta abordagem teórica.

No que diz respeito às correntes da SI, a *interpretativa* apresenta-se como a mais presente nas produções brasileiras, do total de 40 artigos, detectamos que 35 delas (cerca de 87%) foram orientadas por esta linha; cinco foram conduzidas pelos preceitos da abordagem estrutural e nenhum com base na orientação crítica.

Acerca das categorias de estudo ou o conceito da SI abordado nas produções brasileiras, podemos destacar o de *culturas infantis*, definido por Sarmiento (2013, p. 20) como os “[...] modos sistematizados de significação do mundo e de ação intencional realizados pelas crianças [...]”, que é discutido em 19 do total de 40 trabalhos.

Tal fato merece reconhecimento na medida em que há algum tempo Quinteiro (2002, p. 21) já demonstrava preocupação com a insuficiência de estudos que abordassem esta discussão relevante: “pouco se conhece sobre as *culturas infantis* porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças e, ainda assim, quando isto acontece, a “fala” apresenta-se solta no texto, intacta, à margem das interpretações e análises dos pesquisadores” (grifo da autora).

A criança como sujeito ativo e competente, de maneira implícita ou explícita é abordada em todos os textos; no entanto, este conceito só é trazido explicitamente em 20 artigos (50%). No que diz respeito ao conceito de infância entendida como construção social e categoria geracional, este aparece de forma explícita em 23 textos (cerca de 57%).

Outro conceito que merece destaque, abordado em 14 trabalhos (35%), é o de *alteridade*. Tal relevância se funda quando se propõe a busca por um encontro com o outro e pela compreensão deste a partir do seu próprio ponto de vista, pressuposto básico da SI, “constitui-se no fosso entre o que se é e aquilo que os outros são, principalmente quando o outro apresenta uma diferença radical [...]” (DELGADO; MULLER, 2005) encontrado de forma coerente nos artigos.

No que concerne ao enfoque metodológico a etnografia aparece na maioria das produções como suporte essencial para a busca e compreensão do ponto de vista da criança, justificado pelo seu potencial de imersão do pesquisador na vida cotidiana e consequentemente na riqueza de detalhes das situações observadas. Cabe destacar que a fase seguinte do trabalho se configurará no refinamento das análises aqui apresentadas, bem como no levantamento dos instrumentos de coleta de dados, específicos para a pesquisa com crianças, mais utilizados nas investigações selecionadas.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Conforme anunciado, a discussão ora apresentada se configura numa pesquisa em andamento. Dessa maneira, com base nos dados até o presente momento apresentados

podemos, ainda que provisoriamente, apontar que na última década os estudos sobre a infância no Brasil aparentam ter ampliado o seu campo de pesquisa, bem como adquirido certa regulamentação teórico-metodológica.

Nesta perspectiva, convém pontuar que apesar de uma resistência manifestada no âmbito científico, em aceitar o testemunho infantil como fonte de pesquisa confiável e respeitável, os dados revelam que no que diz respeito ao contexto brasileiro a criança não somente tem sido ouvida com mais frequência, como também que, o seu olhar, isto é, as suas percepções estão sendo colocadas em evidência nos estudos que buscam investigar os seus modos de ser e de se posicionar nos diversos contextos em que se encontra inserida.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. A pesquisa com crianças e infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, A. L. G. de; FINCO, D. (org.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 17-54.

ARIÈS, P. **Historia social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

CORAZZA, S. M. **Infância e educação** – era uma vez... quer que conte outra vez? Petrópolis: Vozes, 2002.

CORSARO, W. **Sociologia da infância**. Trad. Lia Gabriele Regius Reis. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KOHAN, W. O. **Infância**: entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BORBA, A. M. As culturas da infância no contexto da educação infantil. In: VASCONCELLOS, T. de. (Org.). **Reflexões sobre infância e cultura**. Niterói: Eduff, 2008. p. 73-91.

MARCHI, R. C. O “ofício de aluno” e o “ofício de criança”: articulações entre a sociologia da educação e a sociologia da infância. **Revista Portuguesa de Educação**, 23(1), p. 183-202, 2010.

NASCIMENTO, M. L. B. P. (Coord.). **Infância e Sociologia da Infância**: entre a invisibilidade e a voz: relatório de pesquisa. São Paulo: FEUSP, 2013.

NAZARIO, R. Narrativas das experiências de crianças pequenas no contexto de uma “casa lar” do município de Florianópolis-SC. In: 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Natal: Anped, 2011. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/posteres/GT07/GT07-824%20int.pdf> Acesso em 08 ago. 2014.

QUINTEIRO, J. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 20, n. Especial, p. 137-162, jul./dez. 2002.

REGO, T. C. Novas perspectivas para o estudo da infância. **Revista Educação** – Especial Cultura e Sociologia da Infância. São Paulo, p. 6-13, 2013.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V.; SARMENTO, M. (Org.). **Infância invisível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007. p. 25-49.

_____. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. (Org.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

_____. A Sociologia da Infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, R. T.; GARANHANI, M. C. (Org.). **Sociologia da infância e a formação de professores**. Curitiba: Champagnat, 2013. p. 13-46.

TEXTOS ANALISADOS

ALMEIDA, R. P. W. Infância e Educação Infantil: o grupo de crianças e suas ações em contexto escolar. In: 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Natal: Anped, 2011.

ARENHART, D. A educação da infância no MST: o olhar das crianças sobre uma pedagogia em movimento. In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2005.

ARENHART, D. Culturas infantis em contextos desiguais: marcas de geração e classe social. In: 36ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Goiânia. Anped, 2013.

BARBOSA, S. N. F. O desafio de compreender e ser compreendido. In: 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2008.

BORBA, A. M. As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. In: 29ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2006.

CARVALHO, L. D. Infância, brincadeira e cultura. In: 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2008.

CASTRO, J. S. A constituição da linguagem e as estratégias comunicativas entre os bebês no contexto coletivo da educação infantil. In: 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Natal: Anped, 2011.

CORREA, B. C.; BUCCI, L. A vivência em uma pré-escola e as expectativas quanto ao ensino fundamental sob a ótica das crianças. In: 35ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Porto de Galinhas: Anped, 2012.

CORSINO, P.; SANTOS, N. O. Olhares, gestos e falas nas relações de adultos e crianças no cotidiano de escolas de educação infantil. In: 30ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2007.

COUTINHO, A. M. S. Infância e Diversidade: as culturas infantis. In: 24ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2001.

- COUTINHO, A. M. S. As relações sociais dos bebês na creche: um estudo numa perspectiva sociológica. In: 36ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Goiânia. Anped, 2013.
- CRUZ, S. H. V. *Ouvindo crianças*: considerações sobre o desejo de captar a perspectiva da criança acerca da sua experiência educativa. In: 27ª 24ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2004.
- CRUZ, R. C. de A. A pré-escola vista pelas crianças. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2009.
- DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. *Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas*. In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2005.
- JOÃO, J. S. As crianças e os seus saberes sobre uma educação infantil de qualidade. In: 30ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2007.
- JOÃO, J. S. Crianças, professores e famílias: (co) protagonistas da educação infantil. In: 32 REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2009.
- LANSKY, S. Espaços urbanos com crianças. In: 36ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Goiânia. Anped, 2013.
- MARTINS FILHO, A. J. A vez das crianças: um estudo sobre as culturas da infância no cotidiano da creche. In: 27ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2004.
- _____. *Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na Anped*. In: 33ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2010.
- MARTINS, M. C.; BRETAS, S. A. O que dizem as crianças sobre sua escola? O debate teórico-metodológico da pesquisa com crianças na rede pública de educação infantil. In: 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2008.
- MORUZZI, A. B.; OLIVEIRA, F. A Sociologia da Infância no Brasil: algumas temáticas nas publicações de 1970 a 1990. In: 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Natal: Anped, 2011.
- MUBARAC SOBRINHO, R. S. “Pra fazer a farinhada... muita gente eu vou chamar: contextos lúdicos diversificados e as culturas das crianças Sateré-Mawe. In: 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2008.
- MULLER, F. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. In: 26ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2003.
- MULLER, F. Culturas infantis na cidade: aproximações e desafios para a pesquisa. In: 27ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2004.
- NAZARIO, R. Narrativas das experiências de crianças pequenas no contexto de uma “casa lar” do município de Florianópolis-SC. In: 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Natal: Anped, 2011.

NEVES. V. F. A. A construção da cultura de pares no contexto da educação infantil: brincar, ler e escrever. In: 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Natal: Anped, 2011.

ODININO. J. P. Q.; MININI, V. C. M. A cultura midiática na educação infantil: compartilhando experiências com meninos e meninas. In: 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Natal: Anped, 2011.

OLIVEIRA. A. M. R. Com olhos de criança: o que elas falam, sentem e desenham sobre sua infância no interior da creche. In: 24ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2001.

OLIVEIRA. A. M. R. Entender o outro (...) exige mais, quando o outro é uma criança: reflexões em torno da alteridade da infância no contexto da educação infantil. In: 25ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2002.

RAMOS, T. K. G. Possibilidades de organização de práticas educativas na creche em parceria com os bebês: o que “dizem” as crianças? In: 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Natal: Anped, 2011.

_____. As crianças no centro da organização pedagógica: o que os bebês nos ensinam? Qual a atuação de suas professoras? In: 35ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Porto de Galinhas: Anped, 2012.

REIS. L. M. S. Inserção e vivências cotidianas: como crianças pequenas experienciam sua entrada na educação infantil? In: 36ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Goiânia. Anped, 2013..

SANTOS. S. E. Culturas Infantis e saberes: caminhos recompostos. In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu. Anped, 2005.

SALLES, C. G. N. L. Infância e filosofia: um encontro possível? O que dizem as crianças. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2009.

SILVEIRA, D. B. A escola na visão das crianças. In: 27ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2004.

SILVA, M. R. P. S. Crianças, culturas infantis e linguagem dos quadrinhos: entre subordinações e resistências. In: 36ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Goiânia. Anped, 2013.

SIQUEIRA, R. M. Do silêncio ao protagonismo: por uma leitura crítica das concepções de infância e criança. In: 35ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Porto de Galinhas: Anped, 2012.

SCHRAMM, S. M. O. A constituição do sujeito criança e suas experiências na pré-escola. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Caxambu: Anped, 2009.

TEBET. G. G. C.; ABRAMOWICZ. A. Constituindo o bebê como um conceito teórico no interior da Sociologia da Infância. In: 36ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Goiânia. Anped, 2013.

VIEIRA, D. M. Ser criança na unidade do Pro infância: o que o espaço pedagógico revela? In: 36ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. **Anais...** Goiânia. Anped, 2013.